

## **DOGVILLE, O IMPÉRIO UNIVERSAL E A BARBÁRIE SOCIAL: UMA REFLEXÃO ACERCA DA SOCIEDADE BURGUESA E SUAS MISÉRIAS.**

Laura Carolina Ferreira Braga do Carmo, Giovanni Alves. – Sociologia - Ciências Sociais – Departamento de Sociologia e Antropologia – Faculdade de Filosofia e Ciências – Campus de Marília.

O presente trabalho tem como objetivo discutir os aspectos, sócio-políticos do filme *Dogville* (2003-2004) de Lars Von Trier, a partir da construção filmática que o autor estabelece com realidade. Para tanto é necessário a construção de uma breve sinopse: O filme se passa nos Estados Unidos, durante a Grande Depressão. Trata-se, *Dogville*, de uma pequena cidade próxima às montanhas rochosas, povoada por uma comunidade que vivência a contradição de estar envolta em laços de solidariedade comunitária, dentro de uma totalidade moderna e burguesa – não há polícia, prefeitura, religião, embora, estas existam. Eles se reúnem na igreja (enquanto espaço físico) para ouvirem as teorias de um dos habitantes, Tom. Neste espaço são deliberadas questões de cunho local de forma democrática (votação por maioria). Em uma noite, Tom formula sua tória sobre aceitação e observa a necessidade de um exemplo. Nesse momento Grace, uma mulher bonita e aparentemente rica, devido ao modo como se traja e se porta, chega a isolada cidade de *Dogville* fugindo de gangsteres. Na pequena cidade encontra asilo. Tom a auxilia e intercede por ela junto a comunidade local. É travado um acordo, em troca da proteção, os moradores receberão pequenos trabalhos. Com o tempo, Grace conquista a cidade, porém, os gangsteres intensificam a busca por ela. Diante do aumento do risco, a cidade deseja aumento do trabalho, um aumento das relações de troca. A partir daí, Grace é sujeitada em toda a extensão da existência humana, seu corpo, seu tempo, nada lhe pertence mais. Quando a situação chega a níveis insustentáveis, Tom decide denunciá-la aos gangsteres. Estes adentram a cidade e o filme triunfa. Grace não é uma simples fugitiva, ela é a filha do *Chefe*. No interior do carro, Grace e seu pai têm uma longa conversa, na qual, Grace passa do papel de vítima ao papel de vilã. Seu pai aponta a arrogância dos seus atos: ela passa por todos os sofrimentos não por necessitar de abrigo, mas, por ser arrogante. Diante de tal argumento irrefutável, Grace pede ao pai que lhe “passe” o seu poder. Assim, *Dogville* é exterminada.

O primeiro objetivo deste trabalho é o de ressaltar, através de uma análise dos aspectos sócio-metabólicos do filme, as relações sociais endógenas da pacata cidade de *Dogville*. A partir da construção filmática que o autor estabelece com a realidade, verificar-se-á em que medida as relações interpessoais encontradas, são imperativas e reproduzidas na cotidianidade Ocidental. Desta maneira o cotidiano de *Dogville* não será compreendido como parte da realidade, mas, como realidade concreta, como microcosmo de um macrocosmo, sendo o filme um pré-texto para a discussão do império universal norte-americano e da barbárie social que o mesmo produz.

Embora este trabalho se realize a partir de um exercício analítico que parta do local para o universal, serão conservadas as especificidades da narrativa empregada pelo diretor, quais sejam, a contextualização histórica (Depressão de 1929), a localidade-nação (Estados Unidos) e a geografia (Região montanhosa), estas, entretanto, serão compreendidas como um recurso de linguagem. Assim, as pretensões concernem a uma discussão acerca do liberalismo político, dos teóricos norte-americanos da Revolução, que impeliram um modelo democrático de soberania nacional e igualdade de condições que se perpetuou como fonte da ideologia estadunidense e modelo universal do capitalismo. A partir disso, buscar-se-á a construção processual do avanço político das instituições da democracia liberal neste mesmo país, que avançaram e tiveram sua ascensão com a erupção do barbarismo de 1914-18, e seus desdobramentos econômicos e políticos, de ordem positiva nos Estados Unidos.

A retomada da História político-econômica norte-americana, é de fundamental importância à compreensão dos mecanismos culturais, pelos quais, os integrantes da comunidade *Dogville* operam. O filme é imbuído de uma crítica sistemática às instituições burguesas. A democracia, o direito e a justiça, talvez sejam o alvo central desta crítica, estas nos são apresentadas como intrinsecamente falaciosas.

Outro ponto que servirá de base analítica é a produção da barbárie social. Este conceito será empregado nos termos de MENEGAT (2006), em “O Olho da Barbárie”, seja este, a compreensão de que o Estado burguês insurgiu-se, com uma crítica radical à forma demasiado bárbara do Absolutismo, entretanto, realiza-se de uma nova forma igualmente bárbara, a guerra civil legitimada. Ou seja, o

capitalismo tem em si um caráter destrutivo, no sentido de que a reprodução do capital somente se efetiva com um crescente aumento das mazelas sociais.

Assim, o pano de fundo desta discussão é o duplo caráter destrutivo do sistema vigente que, ao criar e reproduzir suas catastróficas misérias econômicas transcende o plano material e engendra uma miséria espiritual. Esta questão se coloca ao final do filme, quando são expostas fotografias de trabalhadores, negros, mendigos, sem-tetos, enfim, todas as vítimas do sistema predatório da sociedade de classes do período da grande depressão de 1929, à trilha sonora de “Yong Americans”. Quando o espectador é colocado diante de uma explicação acerca da temporalidade e da espacialidade daquele modelo de sociabilidade que se estabelece. As relações austeras de Dogville não seriam possíveis em outro espaço sócio-cultural. Desta forma, a barbárie cometida por nossa cidade é justaposta à barbárie do capital, em uma relação dialética, na qual, uma cria as condições de sustentação e perpetuação da outra.

Observamos que o diretor apresenta o filme na forma de parábola, onde cada personagem e cada relação representam uma esfera da sociedade de classes, e como representação maior desta sociedade, o diretor elege a norte-americana da grande depressão das três primeiras décadas do século passado, como modelo universal do capitalismo. O uso da crise de 1929 é uma alusão às crises cíclicas do capitalismo que o impõe a constantes revoluções, para sua manutenção.

Dogville não tem horizontes e as casas têm paredes invisíveis, o que pode ser interpretado como a falta de perspectivas diante de um mundo onde tudo está revelado, e onde nada é compreendido. Em nenhum momento da história do capitalismo houve tamanho agravamento da luta de classes, nunca a concentração e centralização de renda chegaram a níveis tremendamente densos como encontramos hoje. No entanto, os discursos de ordem massificante (religioso, televisivo, ideológico), propõem esta realidade como natural e necessária. A construção histórico-social se perde nesse contexto.

Os moradores-personagens são seres instrumentalizados, na sua maioria, como é o caso de Martha, que cuida da igreja e dos Hensons. Eles reagem mecanicamente em condições adversas. Alguns personagens, entretanto, se consagram pela perspicácia de suas ações, como Tom, que se realiza como figura do intelectual.

O filme tem uma forma pragmática de apresentação, chegando às vias do maniqueísmo: Grace é a figura boa e sofredora, enquanto que Dogville é a figura do mal e repressora. Grace parece encarnar todas as personagens do subalternas da sociedade burguesa, o estrangeiro, a mulher, o trabalhador. Porém, a revelação ao final do filme, da origem de Grace, qual seja, o bojo do capitalismo, mediado pela figura do seu pai Gângster, nos faz questionar a veracidade desta relação de subalternidade.

Ao provocar um genocídio em Dogville, não há sobreviventes, exceto o cão Moisés, ou seja, não há testemunhas dos acontecimentos vivenciados por ela, assim, a história nos é apresentada pelos olhos de Grace. Talvez por isso, o filme tenha tantas contradições.

Uma reflexão possível é quanto ao papel imperialista que Grace cumpra, no entanto, pela linha do *Welfare State*, um “capitalismo humanizado”. Nos termos de Lênin, o capitalismo está condenado a mundialização, pois, ele só subsiste arruinando as estruturas não capitalistas externas. Desta forma, é possível uma leitura do filme, na qual não seja a Grace a figura submetida, mas sim, Dogville como submissa a uma nova ordem política imperialista provocada por Tom e Grace. Ou seja, Dogville pode ser analisada como expansionismo da política liberal norte-americana tanto interna, já que se trata de uma cidade a Oeste, quanto externa, já que nos são evidenciados diversos aspectos da cultura oriental – a canela, o nome da rua principal, “bonsai” (Elm), e as relações sociais anteriores a chegada de Grace. Assim, Dogville se caracteriza como aquilo que DEL ROIO, convencionou a chamar de inimigo interno e externo da cultura imperialista.

## Referências

- ABENSOUR, Miguel. *A democracia contra o Estado. Marx e o momento maquiavélico*. Belo Horizonte: UFMG, 1997.
- DEL ROIO, Marcos. *O império universal e seus antípodas: a ocidentalização do mundo*. São Paulo: Ícone, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da prisão*; Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FUKUYAMA, Francis. *O fim da história e o último homem*. Trad. Auly de Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GRAMSCI, Antonio. *Os cadernos do cárcere* (6 volumes); Trad. Carlos Nelson Coutinho. 3ªed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

\_\_\_\_\_. *Escritos Políticos* (2 volumes); Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

HOBBSBAWM, Eric. *A Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. *A era do Capital*. Trad. Luciano Costa Neto. 5ªed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

IANNI, Octavio. *Imperialismo e Cultura*. Petrópolis: Vozes, 1976.

VON TRIER, Lars. Dog Ville. Estados Unidos, California, 2003. 171 min.

LÊNIN, Vladimir. *O Estado e a Revolução*. A Revolução proletária e o renegado Kautsky. Trad. Henrique Canary. São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2005.

MARX, Karl. *O Capital*. Trad. Reginaldo Sant'anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

\_\_\_\_\_. *A Questão Judaica*. . Rio de Janeiro: Laemmert, 1969.

\_\_\_\_\_. *Crítica da Filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2005.

MENEGAT, Marildo. *O olho da barbárie*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

MÉSZAROS, Ivan. *Para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2002.

\_\_\_\_\_. *A teoria da alienação em Marx/István Meszaros*. Trad. Isa Tavares. – São Paulo: Boitempo, 2006.

TOCQUEVILLE, Aléxis de. *Democracia na América* (2 volumes). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WEBER, Max. *Ciência e Política: duas vocações*. 15ª ed. Trad. Leonidas Hegenberg, Octany S. da Mota. São Paulo: Cultrix, 2004.